

COMENTÁRIOS A UMA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria das Dores Wouk

A 13 de junho de 1980, a Professora Denise Azevedo Duarte Guimarães apresentou a dissertação de Mestrado intitulada "A Poesia Crítico-inventiva" no Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura, da Universidade Católica do Paraná. Na ocasião, em lugar da costumeira argüição, a Presidente da Banca Examinadora, Professora Maria das Dores Wouk, proferiu as seguintes palavras:

Eu, eu nem sei porque aqui estou!
A convite do Geraldo*?

* Prof. Geraldo Harns.

Atendi ao apelo dele por telefone.
Depois, pensei... E agora, Maria das Dores!
Acrescenta à tua dor de cabeça
mais uma.
Dor rima com amor,
é com amor que respondo ao apelo do Geraldo.

.....

* Prof. Geraldo Mattos.

Denise

"cerise" Denise

Denise minha amiga

Denise minha colega

nossa colega

a aluna Denise

a professora Denise

a Mestranda

a Mestra.

Denise "cerise"

a honestidade

a pesquisa.

Denise "cerise"

o talento.

Denise "cerise"

juventude

enriquecimento.

Denise "cerise"

promessa de maturidade fecunda.

Denise

a menina de olhos pequenos

duas "cerises" maduras

escuras

olhos pequenos

ávidos perscrutadores.

Denise

guarda a infância

nas "cerises"

guarda as Alterosas

nas "cerises"

Ser mineira

é mel que se guarda

a vida inteira.

Denise mineira

Denise "cerise"

Duas "cerises".

(Seu nome é francês; por isso me permite a alusão. Bia, para mim, é trival.)

Minha função aqui não é a de turiferário. Deparei-me com um trabalho realizado com pesquisa, fôlego e honestidade. Pretendi fazer uma segunda e uma terceira leitura de sua dissertação, embora não seja especialista no assunto. Avaliei-a dentro das limitações de minha sensibilidade poética, da intuição e do raciocínio, na perspectiva de que todo trabalho é uma recriação e um "dever a ser" no interpretante.

Vivemos a era atômica, pulverizados pelo sistema de contínuas informações que devem ser decodificadas num contexto gestáltico. A arte forma, não representa; a arte é e não é. Seu trabalho reflete seu espírito, repito, honesto, e, sobretudo, é escrito em linguagem escorreita e clara, sem os modismos de efeito, que a nada levam por seu hermetismo fátuo, duvidoso, inoperante.

Apesar das inúmeras citações em que estribou suas afirmações, você sustentou opiniões pessoais, construiu julgamentos, teve a coragem de se desnudar, de se expor. Disse categoricamente **eu**, não apenas nas conclusões, mas também no decorrer da dissertação. É rara esta atitude numa situação de defesa de um trabalho.

A frase de R. Barthes que encabeça a introdução diz do significado da dissertação: "escrever significa estremecer o sentido do mundo". A própria frase é poesia. A frase de Michel Butor, no início do capítulo II, "toda invenção é uma crítica", é também muito significativa. Você se revelou uma arquiteta, na análise crítica da realização poética, foi sensível criadora e soube recriar com arte.

"Ler um texto é uma operação que pressupõe a delimitação de campos de validade. Uma leitura, total é utópica". Esta afirmação de Jean Coquet, transcrita no início do capítulo III, para mim, está correlacionada com o que diz Herbert Read: "O x do problema consiste em deslocar a atenção do crítico da significação da obra de arte como objeto para a obra de arte como símbolo; da sua significação para a sua motivação". Em outras palavras, a substituição da descrição pela interpretação. E o mestre inglês adverte: "É mais difícil que a descrição ou a análise, mas ainda como método é terrivelmente passível de erros; o crítico pode falhar já na sua primeira obrigação: conservar um olhar sensível sobre a obra".

Eis o pensamento crítico de Read em sua totalidade. De maneira que o tema, objeto de sua dissertação, tornou-se para mim um objeto de estudo. Li com atenção, tomei muitas notas, rabisquei bastante e refleti muito. Já à primeira leitura pareceu-me honesto. Revelou-me sua decisão, sua interpretação crítico-criativa e

também sua timidez, antagonicamente corajosa sob várias facetas. Você foi corajosa. Parabéns! Confesso não possuir a capacidade técnica para expressar com justeza e aquilatar o devido valor das filigranas que seu trabalho encerra.

Como primeiro ensaio pareceu-me bom. Estou certa de que desse início tão bem fundamentado surgirão novas pesquisas e publicações. Não pretendo argüí-la, pois entendo que uma dissertação de Mestrado, não sendo tese, não deve ser argüida, mas apenas aceita ou recusada por uma comissão examinadora, para sua publicação após as devidas recensões. O que se segue é a minha opinião poética e sobre arte, fundamentada em estudos e, sobretudo, em reflexões, e motivada por seu trabalho.

1. Elogio a bibliografia, bem selecionada, atual; as citações e anotações explicativas, enriquecedoras; as lindas citações poéticas, especialmente as de Drummond; gostei também da "Retórica do Silêncio", de Gilberto M. Telles, à pág. 73. Poucos professores sabem utilizar a pausa como forma de reflexão em sala de aula. Criar significa 99% de esforço e 1% de gênio, de intuição.

2. Repetiu muito a palavra "postura", que, a meu ver, em vários casos, poderia ser substituída por "atitude", "comportamento", "reflexão sobre". Na concepção do trabalho, talvez seja mais icônica, porque sugere convergência de todo o ser para um determinado objeto. Tenho para mim que quando uma palavra entra na moda e é muito repetida desgasta-se e perde a força. Já passaram pelo processo de desgaste, entre muitas outras: conotação, colocação, conjuntura, segmento. Lembro-me agora de Stanislaw Ponte Preta, que fez o samba do "crioulo doido e a atual conjuntura". Também encontrei incidências enfáticas com a palavra "redimensionamento", que poderia ser "nova dimensão" ou outra expressão equivalente.

3. Bastante didáticos os quadros das páginas 102, 112, 119 e 133, os quais elucidam com precisão as idéias centrais objetivadas e apresentam bom visual, facilitam a síntese e remetem com ênfase à explicação.

4. Apreciei sua opinião sobre o método próprio específico (pág. 95). O poema "Antífona", de Cruz e Souza, transcrito à pág. 97, facilitou a comparação. Desde o título, sugere misticismo, conserva a aura, sacraliza o poema e não chega a propor outro texto, outra linguagem, outro código, como você bem observa.

5. Às páginas 98 a 101, você inseriu um excelente exemplo de poema moderno: "Uma faca só lâmina", de João Cabral de Mello Neto, com um comentário bastante elucidativo. O caráter desmistificador da criação torna-se claro e enriquecido, com apoio em Aguiar e Silva. O poema "Le cimetièrre marin", de Paul Valéry, exemplifica a vigília ao nascimento da poética, sem o caráter aleatório quanto à consciência. Paul Valéry, de quem Pascal teria dito que reunia o "esprit de finesse" com o "esprit de géométrie", preparou-se para a poesia estudando matemática, o que exigia de sua inteligência um profundo conhecimento do "vrai en soi".

6. Referindo-se aos poetas críticos (pág. 105), Augusto de Campos diz que são "poetas que fazem da poesia uma prosa essencial". Vejo, também, nos quadros da BIA uma relação pictórica com o poema. Eis alguns dos textos que acompanham as suas pinturas: amanhã a gente se vê; é terça-feira; é verão, bom dia!; dentro de você uma ampla possibilidade azul. Em outros desenhos, como "Shakespeare & Company", "Brasserie du Pont Louis-Philippe", "O Jogo da Amarelinha" (inspirado em Cortazar) e "Voa" (premiado da Passarola), "Uma breve e frágil suspensão da imobilidade", BIA destrói o convencional e transfigura o cotidiano, enriquecendo-o. Porque percebi em seu trabalho alguma relação com a pintura de BIA é que me debrucei com carinho sobre ele. À pág. 124, você escreveu:

"No universo pictórico, por exemplo, a função poética pode aparecer, mas a substância para a sua forma de expressão e do conteúdo não é o código lingüístico. Trata-se, portanto, de outro sistema semiótico, onde a linguagem poética poderá ir buscar novos elementos, a partir de uma postura metalingüística latente, incorporando-se criticamente ao seu universo de discurso. Quando isto se dá, efetua-se uma operação inter-códigos ou uma transcodificação que é essencialmente metalingüística."

7. A necessidade de neologismos, como forma consciente de dar nova dimensão ao vocabulário, observa-se muito na idade infantil (pág. 121). Lembro-me de BIA, aos 3 anos de idade, dizendo: "Papai, é preciso "altar" este quadro" (em oposição a "baixar"), com uma nova conotação, diferente da forma "altear". Antônio Felipe, aos 3 anos, criou estas palavras: chutebol, ciclista, pepsicólogo (pejorativo), todas formações lógicas em sua idade. E que direi eu do mágico do neologismo, o grande Guimarães Rosa, sobretudo em sua obra póstuma "Ave Palavra"?

8. As citações de Drummond e de Oswald de Andrade (pág. 122) poeticamente comprovam as limitações do código lingüístico. Magnífico o exemplo de Jorge de Lima: "Horas, orai. Orai? Horeime." Na visualização significativa das palavras percebe-se o plástico e o criativo. É o artista ou o interpretante transformados em oração.

9. Muito a propósito a citação de Peirce (pág. 129): o signo é a metalinguagem operativa intercambiada entre o verbal e o criativo a nível do interpretante.

10. Quando você afirma (pág. 128) que a lingüística mostra-se de certa forma redutora", reporto-me a uma crônica de Drummond, publicada no Jornal do Brasil, em que ele fala sobre o "tempo de cerejas" e discute ironicamente sobre a problematização que a lingüística, seus termos esdrúxulos e sua teorização acarretam à literatura, funcionando como redutores da criação.

11. A metalingüística (pág. 130), como fator de desautomatização da linguagem, é enfatizada no poema de forma inventiva consciente. Esta página é uma mina, é rica. O artista visa ao impacto no momento do ato criador, no qual não há gratuidade, mas esforço e gênio. A avaliação de dados implica seleção de valores internos que se explicitam no texto, na obra pictórica ou em qualquer outra manifestação de arte. A poesia, como a arte, é uma contínua indagação, demanda originalidade, invenções e crítica sobre o próprio artista, sobre o mundo e os objetos que o cercam; é a manipulação e organização de dados.

A heurística tem que se apoiar em dados que podem ser testados. Esta é a marca de todo trabalho científico, que não deixa de ser um ato criativo. Dizem os entendidos que uma fuga de Bach pode ser posta num computador, tal a sua precisão. O rigor dos traços na Gioconda de Leonardo da Vinci é tal que, por processo de eletroscopia, na parte posterior da pintura pode-se ver o sistema solar. O artista assim procedeu porque viveu no Renascimento sofrendo influência da Idade Média, sem deixar de ser um renascentista.

12. Muito boa sua interpretação da tríade do signo na poesia de Haroldo de Campos. Nessa crítica, verifica-se a categoria metalingüística na feitura do poema, em sua realização e significação, e remete à interpretação dinâmica do símbolo, convertido em ícone. Essa explicação, fundamentada em Décio Pignatari e confirmada por Roland Barthes (pág. 134), pode ser aplicada à arte pictórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. A arte é e não é. Não é, porque se perpetua, na dinâmica da forma, criando uma nova arte. Muito acertada a posição que você assumiu diante da problemática da poesia e das relações semióticas conotativas defendidas por Hjelmslev, assim como diante das formas poéticas preconizadas por Jakobson, as quais perdem sua razão de ser. Você afirma que os conceitos emitidos por esses autores devem ser ampliados em função da necessidade de uma nova linguagem e da transgressão do texto, que ressurgem na "escritura", como diz Roland Barthes.

É por isso que se diz: a arte está morrendo. Na verdade, a arte não morre; ao morrer, ela se recria em outra forma. O texto não é linear em sua feitura, em sua realização e interpretação: é atômico, como a nossa era. A arte moderna ainda é combatida porque os fruidores não estão habituados a recorrer aos sistemas da linguagem e icônico; a leitura de um texto não pode ser linear.

E que dizer da pintura? Se o expressionismo, a forma pura, o hiper-realismo e o não-figurativismo ainda são combatidos? Bem pouco são compreendidas essas correntes pictóricas pelos frequentadores de "vernissagens" e, não raras vezes, pelos que se dizem "experts". Permito-me lembrar que, quando BIA foi premiada pelo tríptico de três retângulos em progresso, em que se lia a frase "Dentro de você uma ampla possibilidade azul", não foram poucos os que comentaram: mas isso merece prêmio? Não foram capazes de compreender o desvio metalingüístico (aqui, metapictórico) de que você fala à pág. 139, ou o que diz Barthes (pág. 137) a respeito do tipo de texto que ataca "as estruturas canônicas da própria língua".

A topossintaxe metatextual que faz parte do sistema icônico também pode ser observada na pintura, em outro nível (de espaço, cor e forma), dificilmente apreendida pelos que se dizem críticos e apreciadores de arte. Eles precisam desanestesiarem os olhos e a mente. É o paradoxo da arte. É a topossíntese que permite explorar a palavra em seu sentido plástico e não apenas ouvi-la, vê-la, mas até degustá-la.

Lembro-me de Drummond numa crônica, em que ele contrapõe as palavras "supimpa" e "bacana". A primeira, graças à combinação do *u*, e do *i*, é quente, sonora, saborosa; a segunda é fria, incolor, insosa. É o raciocínio que preside à construção da forma e

que se opõe à gratuidade.

2. A forma, que é um potencial, um **vir a ser** (pág. 140), lembra-me um outro quadro de BIA: VOE. Sobre fundo azul, gradualmente esmaecido de baixo para cima, o barbante em cuja extremidade se vê um papagaio empinado, planando na imensidão, inscreve a palavra VOE. É a transformação do real.

3. Excelente a sua análise às págs. 141, 142, 143 e 144. Por vezes, a crítica torna-se mais profunda que a própria criação motivadora. Manuel Bandeira, ao ler o comentário de Buarque de Holanda sobre seu poema "Os Cavalinhos", disse: está melhor do que aquilo que eu pensei ao criar. Nessas páginas, você analisa o movimento, a realidade funcional e a função plástica, que geram a percepção gestáltica, em que a forma se faz através dela própria. E a citação do poema de Drummond vem colimar seu pensamento: "aponta o caminho para a eliminação do descritivo, para a estrutura-mensagem". (pág. 144).

Prática textual II e III (pág. 138 a 145)

Aqui você analisa o fazer poético desde o título "Viagem estética" até o sistema de imagem, o sistema de pontuação criativo e a sua própria montagem no discurso. No poema, de Lélia Coelho Frota (pág. 145) percebe-se que a arte não é em si, porém se afirma na percussão dinâmica. É uma contínua busca. Na interpretação, você esmiúça com precisão a lucidez da linguagem em relação à poética em vários níveis.

A opulenta forma de neologismo "madagascarcos-ei" representa o esforço poético na criação, em face da limitação vocabular. Aqui reporto-me a um poema: "aquele que sempre vai, que nunca foi, que sempre fica". É a crítica do próprio poema, é a expressão poética em sua significação pluriforme. Nessa crítica é estabelecida a forma de maneira reflexiva, é a crítica em suas relações individuais. É fruto de um epnsamento criativo vigilante, que passa a ser uma arquitetura poética, na qual cada elemento é valorizado no código da mensagem.

CONCLUSÕES

A frase de Jean Ricardou é significativa: "Ler é produzir por demonstração relações num texto". Na própria argumentação de seu trabalho está confirmado que:

- 1.º) A linguagem poética é o grau zero da metalinguagem, na expressão de Barthes.
- 2.º) Poética e metalinguagem se aglutinam — opinião estruturada em Décio Pignatari e em Ezra Pound.
- 3.º) Constata-se a reação contemporânea à Arte Convencional em todos os setores.

A arte só é soberana enquanto criativa e original, inserida no contexto da época, que Herbert Read chama de atômica. A arte se impõe por si mesma, numa expectativa do dever. A crise que se supõe existir no campo artístico é gerada pelo experimentalismo e pela convulsão social. Ela sedimentar-se-á numa nova arte, para um mundo novo. Como? Respondo com as palavras de Read:

"Da civilização burguesa em naufrágio uma nova tem que emergir, para que a história continue; é sob esta perspectiva que se poderá então decidir sobre o futuro destino da arte".

Finalmente, pergunto-lhe: conhece a obra ARTE DE AGORA AGORA de Herbert Read? Não a encontrei relacionada em sua bibliografia. Herbert Read é um velho revolucionário, crítico e também poeta. Mesmo depois de ter sido elevado a Par da Inglaterra, em 1953, pela rainha Elizabeth II, continuou um convicto anarquista. São dele estas frases:

- A diversidade da arte moderna é descontínua e não pode ser levada dentro de qualquer conceito teórico.
- A arte é, de fato, a descoberta e estabelecimento de um novo mundo de formas; a forma é racional, mas a arte é uma contínua transformação da forma por forças que são vitais e irracionais. (Herbert Read, A arte de agora agora, pág. 36).

HOMENAGENS AO PROF. DR. REINALDO BOSSMANN

No dia 20/11/1980, o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas prestou homenagem ao Professor Doutor Reinaldo Bossmann, que se despedia da Universidade após nela ter exercido o magistério por três decênios. No transcurso da cerimônia, realizada no próprio Laboratório de Línguas, o Prof. Heriberto Arns saudou o homenageado em nome dos seus colegas, tendo o Prof. Bossmann em seguida externado os seus agradecimentos. Publicamos aqui as palavras dos dois professores, bem como o discurso de homenagem ao Prof. Bossmann que o Deputado Federal Igo Losso pronunciou perante a Câmara dos Deputados, na sessão de 1/12/1980.

DISCURSO DO PROF. HERIBERTO ARNS

Fatos e efemérides da vida acadêmica levam e trazem o sabor de velhos tempos, de tradições lembrando claustros e associações de sábios que perseguem categorias de valores que passam despercebidos, dentro dos padrões comuns de nosso desenvolvimento consumista.

É esse o sentido por que, reunidos numa hora de festa, sentimos o sabor da despedida que é homenagem, e justa, quando prestada a um professor da velha estirpe que soube fazer desta Universidade seu claustro para o estudo, a pesquisa e a meditação, e da docência ministério sublime de servir à comunidade, na parte mais preciosa de seu fulcro social, que é a juventude acadêmica.

Professor Dr. REINALDO BOSSMANN serviu a esta Universidade desde os idos de 40, quando, após a 2.ª Guerra Mundial, aqui aportou, como tantos, acreditando no Brasil, na terra jovem, acolhedora, que sempre soube valorizar a colaboração do estrangeiro, ao construir e organizar suas universidades, seus seminários e seus institutos de pesquisas.

O perfil do professor e do pesquisador Dr. REINALDO BOSSMANN merece destaque especial na área do saber, que ele tanto honrou pela seriedade de seus trabalhos, a honestidade de suas atividades de pesquisas científicas e pela dedicação diuturna, no cumprimento de seus deveres e na execução de tarefas do nosso Departamento.

O Laboratório de Línguas, que com justiça levará agora o seu nome, é uma das conquistas que seu empenho possibilitou e representará, para nós outros, permanentemente, um testemunho de suas convicções profissionais, como Catedrático de Língua e Literatura Alemã desta Universidade Federal do Paraná.

Professor Dr. REINALDO BOSSMANN, este Departamento de Letras Estrangeiras Modernas vos presta sua homenagem e a formaliza neste ato de reconhecimento profundo pelo que tendes dado de vós, através dos anos, desde que, nos convulsionados anos de 1930 e 1940 começastes a dedicar-vos à Germanística e fizestes vossas pesquisas de campo no setor de Eslavística, numa concepção académica de integração do polonês com o alemão dentro do Canto Sânico. Percorrestes paróquias, consultastes arquivos comunitários, institutos lingüísticos para enriquecer o acervo de que surgiu a tese que vos conferiu o doutoramento na Alemanha.

O exemplar Sonderdruck-Jahrbuch fuer Schlesische Kirchengeschichte, publicado na Alemanha em 1978, reconstitui os esforços que então dispendestes e avalia o acervo de vosso trabalho em suas devidas proporções científicas.

Lembrando vosso ingresso nesta Universidade, vossa colaboração à Revista Letras, vossa disponibilidade nos cursos de graduação e pós-graduação, vosso empenho pelo intercâmbio cultural e, de modo particular, com o Governo do país de vossa origem, a Alemanha, que porporcionou projetos diversos, de magno alcance para o aprimoramento dos instrumentos de trabalho de pesquisa, venho expressar, em nome de vossos colegas, em nome do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, a gratidão devida por esta Universidade Federal do Paraná.

Obrigado, Professor Dr. REINALDO BOSSMANN! Que DEUS VOS PAGUE !

DISCURSO DO PROF. DR. REINALDO BOSSMANN

Com muito carinho, agradeço a dedicação da placa comemorativa, na Sala RA13, que leva daí em diante meu nome e as palavras amáveis pronunciadas pelo ilustre Professor Titular Dr. Heriberto Arns. Esta homenagem aos setenta anos de vida e à minha despedida oficial deste Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes muito me comove. Muitos anos trabalhei neste ambiente universitário, recebendo sempre de todos os Colegas as manifestações de colaboração e de amizade.

Volvendo o olhar para trás, para os trinta anos de meu trabalho nesta Universidade — o homem idoso vive mais no passado — me lembro da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dos Colegas e Amigos vivos ou já falecidos, com os quais convivi em plena harmonia, respeito e amizade. Lembro-me do saudoso Professor Dr. Homero de Barros, ex-Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do ilustre Professor Catedrático Dr. Brasil Pinheiro Machado, sucessor do Dr. Homero na Direção daquela Faculdade, do Professor Catedrático Dr. Carlos Stellfeld, do meu antecessor na Cátedra de Língua e Literatura Alemão, Professor Dr. Ernesto Sigel Filho, do Professor Catedrático José Gomes Ribeiro e muitos outros que trabalharam para a grandeza desta Universidade, divulgando os resultados de suas especialidades em publicações e em aulas. Em minha memória está também o saudoso Professor Catedrático Bento Munhoz da Rocha Netto, ex-Governador do Estado do Paraná, com sua erudição e eloquência, ao qual o ilustre Colega Heriberto Arns faz referências douradas no seu livro recém-publicado sob o título "Contextos do Processo Cultural".

Na implantação da Reforma Universitária, acompanhei o enorme trabalho do ilustre Colega Professor Dr. Osvaldo Arns, que organizou o Instituto de Letras e Artes. Seguiram-se os anos do ilustre Professor Catedrático Dr. Temístocles Linhares na Direção do mencionado Instituto de Letras e Artes, ficando depois o mesmo Professor na Direção do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Não esqueci a dedicação à Universidade Federal do Paraná da ilustre Professora Titular Dra. Cecília Maria Westphalen na direção deste Setor, hoje dignamente representado pelo ilustre Professor e Jornalista Hélio Fileno de Freitas Puglielli. Com gratidão e respeito penso em meus amigos Professor Titular Rosário Farani Mansur Guérios, Professor Titular Ernani C. Reichmann e no ilustre Pro-

fessor Titular Dr. Pe. Luigi Castagnola, Chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, que através de suas publicações lingüísticas e filosóficas tornaram-se conhecidos não somente no Brasil, mas também no exterior.

Todos eles, vivos ou mortos, dedicaram sua vida à Universidade Federal do Paraná, muitas vezes com sacrifícios, recebendo remuneração simbólica e irrisória. Todos eles pertencem à história inseparavelmente ligada à nossa Universidade. A história é nosso mestre, indicando a nós o caminho de vida. Conhecer a história significa participar dos grandes tesouros e dos valores eternos da humanidade. Neste sentido vi sempre as minhas atividades para o bem das Letras Germânicas, sempre em estreita ligação com a história, já quase 45 anos da minha vida de Professor no exterior e no Brasil, minha terra adotiva.

Lembro-me dos antigos funcionários que trabalharam com orgulho na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Alguns deles trabalham ainda neste Setor.

Antigamente, os costumes eram mais rigorosos. Um Professor sem gravata, em camisa esporte, não era bem visto. As alunas vestiam-se decentemente, as calças e jeans não estavam ainda na moda. Os tempos mudaram. A Reforma Universitária nos trouxe, além da burocracia exagerada — cada semana devíamos preencher um questionário — nos trouxe outra visão, com certas facilidades, mas em geral não foi o que esperávamos. Mas, meus queridos Mestres, desculpem o olhar retrospectivo, voltemos ao tempo presente.

Vejo nesta reunião departamental e setorial uma nova geração de Mestres, à qual desejo um futuro brilhante sob melhores condições de trabalho, em plena harmonia e ligação digna de confiança com os mestres experimentados, meus antigos Colegas da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, divulgando as Letras e os conquistados valores da cultura e do cristianismo.

Agradeço sinceramente estas manifestações de simpatia à minha pessoa. Todos os Colegas destes Departamentos e deste Setor ficarão sempre no meu coração. Queiram receber o meu cordial obrigado!

DISCURSO DO DEPUTADO IGO LOSSO

Depois de 28 longos anos de trabalhos inteiramente dedicados ao ensino e dos relevantes serviços prestados à Universidade Federal do Paraná, aposentou-se há poucos dias o Professor Reinaldo Bossmann, coordenador da área de Alemão do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas daquela instituição.

Embora pareça ocioso, não poderia furtar-me a salientar a importância e o valor da contribuição dada por Reinaldo Bossmann ao enriquecimento cultural dos estudantes paranaenses e, via de consequência, ao progresso do País. Com alta dose de abnegação, amor e sensibilidade, o professor que agora se aposenta soube plasmar inteligências através do seu convívio estimulante, do exemplo e dos ensinamentos que, como poucos, foi capaz de transmitir

Alemão de berço, nascido a 29 de outubro de 1910, o Professor Reinaldo Bossmann não limitou sua inestimável colaboração à Universidade Federal do Paraná. Antes dela, exerceu a atividade docente, sempre no campo lingüístico, em diversas academias da Alemanha e da Iugoslávia.

Especialista em Língua e Literatura Alemã, com o grau de Doutor, o mestre ingressou na Universidade Federal do Paraná em 1952, ali realizando uma carreira admirável. Contratado como professor catedrático, foi membro do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Vice-Coordenador do Curso de Letras do Instituto de Letras e Artes; substituto do Vice-Diretor do Instituto de Letras e Artes; Vice-Coordenador do Curso de Letras, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes; Sub-Chefe do Departamento de Letras Anglo-Germânicas do Instituto de Letras Estrangeiras Modernas, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Nos últimos tempos, além de lecionar Filosofia Germânica no Curso de Pós-Graduação de Letras da mesma Universidade, acumulava ainda as funções de professor titular no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes e Coordenador da Área de Alemão do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Além do exercício do magistério, foi ainda Tradutor Público e Intérprete Judicial, em Breslau, Alemanha; Relator Cultural, na Administração da Província da Silésia, Alemanha; Tradutor e Intérprete Comercial, na Junta Comercial do Paraná.

É, ainda, membro de sociedades científicas como o Círculo de Estudos Bandeirantes e o Círculo de Estudos Lingüísticos, em Curitiba, e da União das Escolas Superiores, sediada em Bonn. Realizou cinco viagens de estudos e pesquisas à Europa e participou de cinco congressos científicos realizados em seu país de origem.

Do longo e rico currículo de Reinaldo Bossmann, constam ainda desempenhos admiráveis em oito concursos à cátedra, livre docência e tradução, e mais de quatro dezenas de trabalhos e resenhas publicados em revistas especializadas do Brasil e do exterior. Recebeu resenhas e citações publicadas em 20 diferentes edições de nosso país e 17 outras de países europeus.

Executou, ainda, pesquisas sobre "Neologismos e Palavras em Moda" e "Peculiaridades da Língua Alemã"; orientou teses de livre docência e realizou conferências nas Universidades de Marburgo, Hamburgo, Stuttgart, Erlangen, Heidelberg, Hannover e Zurique sobre temas como "A Literatura Alemã Contemporânea", "A Língua Alemã no Brasil", "O Teatro Épico de Bertolt Brecht", e "Dramaturgos Alemães no Brasil", além de tantos outros.

As medalhas Schiller, de Eichendorff, de bronze, do Cinquentenário da Universidade Federal do Paraná, e a condecoração de honra ao mérito concedida em 1977 pelo Reitor da instituição, em reconhecimento à valiosa contribuição ao ensino e à pesquisa durante cinco lustros dada por Reinaldo Bossmann, dispensam comentários sobre as virtudes e méritos do professor recém-aposentado.

Por todas estas razões, o setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná prestou ao referido Mestre uma expressiva homenagem, reunindo, no dia 20 de novembro, um considerável número de professores universitários, alunos e amigos, para expressarem a ele os seus melhores sentimentos de admiração, respeito e amizade.

Assim, desejo registrar nos Anais desta Casa o reconhecimento do meu Estado ao Professor Bossmann, que, com o máximo empenho e dedicação, transmitiu sua experiência e o seu saber aos nossos estudantes.

Era o que tinha a dizer.